

O ATENTADO DE 11 DE SETEMBRO DE 2001 EM DOIS MOMENTOS NA TELEVISÃO: uma reportagem factual e outra de infotainment

Tatiana Tramontina¹

Resumo: O presente estudo analisa o uso do *infotainment*, ou infotainment, em reportagens produzidas pelo jornalista Jorge Pontual, para os programas Fantástico e Globo Repórter, da Rede Globo, diante do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Para entender o termo reportagem televisiva e reportagem televisiva de viagem, foram usados como base Jespers (1998), Neves (2007) e Hannerz (2004). A metodologia, sustentada pela ideia do *infotainment*, possui como referência Gomes (2009), apontando o sentido da hibridização entre informação e entretenimento. Foi possível analisar a presença de características do infotainment nas duas reportagens, embora uma delas tenha sido produzida com caráter mais factual.

Palavras-chave: *Infotainment*. Reportagem televisiva. Fantástico. Globo Repórter. 11 de setembro de 2001.

Abstract: The present study analyzes the use of infotainment in reports produced by journalist Jorge Pontual, for Rede Globo's programs Fantástico e Globo Repórter, in the face of the terrorist attacks of September 11, 2001. To understand the term television reporting and television travel report, it was used as basis Jespers (1998), Neves (2007) and Hannerz (2004). The methodology, supported by the idea of infotainment, has Gomes (2009) as a reference, pointing out the sense of hybridization between information and entertainment. It was possible to analyze the presence of infotainment characteristics in the two reports, although one of them was produced with a more factual character.

Keywords: Infotainment. Television report. Fantástico. Globo Repórter. 11 of september, 2001.

1 Introdução

Quando falamos sobre memórias nos referimos a lembranças do passado, sejam elas boas ou ruins, e que nos impactaram de tal modo a ponto de o nosso cérebro achar conveniente armazená-las para sempre. Muitas memórias são lembradas através de fatores específicos como, por exemplo, uma data: 11 de setembro de 2001. Data que nos remete a uma memória coletiva sem necessidade de muitas explicações.

Às 8h e 46min era lançada a primeira aeronave contra a Torre Norte do *World Trade Center* em Nova Iorque. A interrupção na grade de programação da Rede Globo² chamou a atenção dos telespectadores naquele dia, gerando uma tensão durante a famosa vinheta de plantão da emissora. Às 9h e 03min um segundo avião era lançado contra o símbolo americano, desta vez contra a Torre Sul. A essa altura a informação que circulava no país norte-americano era a de que os Estados Unidos estavam sofrendo um ataque terrorista, fato confirmado através de passageiros dos aviões sequestrados que conseguiram se comunicar com conhecidos em solo

¹ Artigo apresentado pela acadêmica do curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. João Vicente Ribas.

² Rede de televisão comercial aberta brasileira com sede no Rio de Janeiro, Brasil.

firme. O terceiro avião sequestrado se direcionou para o Pentágono, atingindo-o. Apenas o quarto, e último, avião não conseguiu chegar ao seu destino de ataque, o Capitólio, caindo antes de atingir o alvo.

Os Estados Unidos estavam sofrendo o seu pior ataque terrorista. No total, 19 homens, integrantes da organização fundamentalista islâmica *Al-Qaeda*, planejaram e executaram o ato, tirando a vida de quase 3 mil pessoas, incluindo os 227 passageiros dos aviões sequestrados e todos os terroristas.

O atentado terrorista marcou o início do novo século. Somente após 19 anos é que o mundo vivenciou outro fato histórico desta proporção, o alastramento do coronavírus. Tornou-se tão marcante a ponto de ser lembrado todos os anos, através de reportagens especiais, principalmente em programas da Rede Globo. Foi por meio dos jornalistas internacionais, nomeados de correspondentes, que os brasileiros acompanharam a angústia e o terror instaurado nos Estados Unidos naquele ano de 2001.

Mas, afinal, como poderíamos descrever um jornalista correspondente? Felizmente, podemos sintetizar, no jornalismo moderno, como sendo realmente romântica a função do correspondente estrangeiro. É ele um jornalista com espaço suficiente para forjar sua individualidade, vivendo de sua própria atuação, em um ambiente cultural e social diverso do seu e disputado ao daquele costumeiramente experimentado em seu país, porém prestigiado pela emissora que representa no exterior (CUNHA, 1990, p. 68).

Jorge Pontual³, correspondente em Nova Iorque desde 1995, acompanhou de perto o medo da população estadunidense diante do cenário terrorista. Após seis dias do atentado, o jornalista se dirigiu ao local onde as Torres Gêmeas desabaram e mostrou, em imagens inéditas, para o programa Fantástico da Rede Globo, os destroços dos prédios que antes faziam parte do complexo empresarial *World Trade Center*.

Quase vinte anos após o atentado, Pontual produz, para o Globo Repórter, em 2019, uma grande reportagem, em Nova Iorque, para a série de reportagens do programa intitulada “Cidades Fascinantes”. Nela, o jornalista insere o fato em meio a pontos turísticos da cidade, mostrando o memorial e o museu construídos em homenagem aos quase 3 mil mortos no atentado de 11 de setembro de 2001.

³ Jorge Alexandre Faure Pontual é mineiro, natural de Belo Horizonte. Nasceu em 4 de novembro de 1948. Sua jornada na Rede Globo iniciou-se em 1972, aos 24 anos de idade. Assumiu o escritório da Globo em Nova Iorque em 1995, onde continua até os dias atuais.

Este artigo possui como principal objetivo verificar se há o uso de características do infotimento, segundo Gomes (2009), nas reportagens produzidas pelo jornalista Jorge Pontual para os programas Fantástico e Globo Repórter da Rede Globo. A escolha do tema relaciona-se à questão de o fato, o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, ter sido marcante para o mundo e de ter iniciado o século atual de uma forma inesperada.

1.1 Rede Globo e suas produções

A Rede Globo foi fundada oficialmente em 1965, por Roberto Pisani Marinho, jornalista e empresário brasileiro, e faz parte do Grupo Globo, grande conjunto de mídia brasileira. Sua sede é na cidade do Rio de Janeiro. Com 122 emissoras próprias e afiliadas, transmite a programação para o exterior pela TV Globo Internacional, fundada em 1999, e hoje já possui mais de 620 mil assinantes, abrangendo as Américas, Oceania, Europa, Oriente Médio, África e Japão. O conteúdo distribuído se dá entre o entretenimento, notícias e programação esportiva.

Na grade de programação da Rede Globo estão os programas Fantástico, considerado, junto com o Jornal Nacional, o principal programa jornalístico da emissora, e o Globo Repórter. Os dois programas possuem um viés de entretenimento, porém, sempre unindo seus conteúdos ao jornalismo.

O programa Fantástico já faz parte da grade de programação da Rede Globo de Televisão há quase 50 anos. Normalmente exibido após o Domingo do Faustão, nas noites de domingo, seu primeiro episódio foi ao ar em 1973. Classificado como uma revista eletrônica, a proposta do Fantástico, assim como confirma o site oficial do programa, é a de “misturar jornalismo e entretenimento de forma dinâmica e acessível”. Segundo Oliveira (2019), sobre o gênero revista eletrônica,

[...] há uma grande variedade de enunciados/formatos, mas as reportagens costumam ter lugar de destaque, firmando uma espécie de compromisso com a apresentação completa de conteúdos de caráter jornalístico. Por outro lado, o entretenimento e, conseqüentemente, a subjetividade tem espaço garantido. O Fantástico tem o slogan “show da vida”, deixando clara a intenção de promover um espetáculo de informações, sons e imagens (OLIVEIRA, 2019, p. 214-215).

Os apresentadores atuais do programa são Tadeu Schmidt, que está à frente do programa desde 2007, e Poliana Abritta, que se juntou a Tadeu em 2014. A atmosfera que o cenário passa, moderno e futurista, e o auxílio de toda a produção gráfica e audiovisual, colaboram muito para o caráter de entretenimento que o programa recebe, apesar de trabalhar também com pautas

sérias. As temáticas predominantes do Fantástico são as seguintes: exploração de personagens fantásticos, trabalhando com histórias inusitadas de pessoas desconhecidas aos olhos da sociedade; autorreflexividade, ou seja, reflete o próprio programa e a Rede Globo; e cotidiano. Há grande exploração, por parte da abordagem de personagens fictícios, do *fait-diver*, ou seja, dos fatos sensacionais de forte apelo emotivo.

Encontramos marcas explícitas de jornalismo no modo como o programa apura as informações repassadas para os telespectadores. O uso da entrevista e a presença do repórter no local dos fatos só reforçam a ideia do programa de caracterizá-lo jornalisticamente. Por ser uma revista eletrônica que trabalha com o ineditismo e a exclusividade, boa parte de seus materiais são atemporais, podendo ser exibidos em qualquer edição sem existir o problema de se tornarem desatualizados.

O Globo Repórter é o segundo programa mais antigo da Rede Globo, está atrás somente do Jornal Nacional. Sua primeira exibição foi ao ar em 1973, sempre exibido nas noites de sexta-feira e em horário nobre (atualmente 22h e 45min). Os temas, apresentados por Glória Maria e Sandra Annenberg, são diferentes a cada semana.

Segundo Costa (2011), o Globo Repórter foi criado para suprir uma necessidade do público por assuntos polêmicos ou de interesse geral que fossem tratados e apurados com uma maior profundidade. O programa nasceu de uma série de documentários que estreou em 1971, a Globo Shell Especial. Somente em 1973 é que a série se tornou o Globo Repórter que conhecemos hoje.

O telejornalismo praticado pelo Globo Repórter possui fortemente a ideia da humanização do relato através da construção de personagens, geralmente pessoas comuns da sociedade, algo que aproxima, e muito, o telespectador com aquele determinado assunto. Gomes (2005) sinaliza que essa aproximação não significa simplesmente se reconhecer na tela, mas reconhecer aquela história que é contada como humana, verdadeira e real.

O programa divide seus assuntos em quatro categorias: aventura, comportamento, ciência e atualidades, com um sistema de rotatividade na abordagem. Diferente dos telejornais, não se preocupa com o factual, não é esta a sua entrega principal para o telespectador. Ao invés disso, ele se dedica a apenas um tema por edição, sendo que muitas vezes é possível encontrar assuntos relacionados às reportagens dos noticiários diários. A questão é que o Globo Repórter trata todo e qualquer assunto como uma grande novidade e exclusividade do programa.

Nos programas classificados como aventura, o telespectador tem a oportunidade de viajar sem sair de casa, de forma que o seu guia para este passeio é o repórter. Podemos citar como exemplo a série de reportagens intitulada “Cidades Fascinantes”, a qual abordaremos, na

análise deste artigo, uma de suas reportagens sobre Nova Iorque, veiculada em 2019, produzida por Jorge Pontual.

2 Teoria

Ao pensarmos na história da televisão é possível que em nossa mente surja aquele objeto grande, quadrado e antigo rodando imagens em preto e branco. Porém, muito antes de existir aquela enorme caixa, em torno da qual inúmeras famílias se reuniam para acompanhar os noticiários, existiu muito estudo. Seria injusto conceder o mérito da invenção da televisão a apenas uma pessoa. Jakob Berzellus, Willougeby Smith May, Paul Nipkow, entre tantos outros, contribuíram nessa criação, aprimorando ideias até chegar à televisão como a conhecemos hoje.

Segundo Abreu e Silva (2011, p. 3) foi na Inglaterra, em 1930, que a BBC, *British Broadcasting Corporation*, se tornou a pioneira mundial em realizar a primeira transmissão de um programa de televisão com imagem, transmitindo, seis anos depois, a coroação do Rei Jorge VI da Grã-Bretanha, atingindo 50 mil telespectadores, marco que consolidou a importância da televisão inglesa no mundo. No Brasil, a televisão foi inaugurada em 18 de setembro de 1950.

Para inaugurar a primeira emissora de TV do Brasil, Assis Chateaubriant, empresário brasileiro dono de diversos jornais, revistas e rádios – chamados de Diários Associados – importou cerca de 30 toneladas de equipamentos dos Estados Unidos da América, por US\$5 milhões (CRUZ, 2008, p. 38). O Brasil se tornou o quarto país no mundo a ter uma emissora de televisão a ir ao ar diariamente com a TV Tupi. No início, os modelos de programação e de propagandas eram derivados do rádio, fato que deu a esse novo meio o nome de “rádio com imagens”.

Na década de 1970 novas invenções começaram a surgir, agregando serviços e formatos para a televisão, como as imagens em cores. O *videotape* e as transmissões por satélite definiram um modo de fazer televisão que perdurou pelos 40 anos seguintes. A partir deste momento criou-se também uma estratégia de programação horizontal, o que incentivou o telespectador a criar uma rotina de ligar o televisor na hora em que seus programas favoritos estavam passando.

2.1 A reportagem televisiva e a correspondência internacional

A origem etimológica da palavra “reportagem”, que vem do francês *reportage*, significa “transportar”. A tradução da palavra nos remete à ideia de que a narrativa deste gênero

jornalístico tem a intenção de transportar o leitor para o local do fato, fazendo-o sentir-se parte daquele momento narrado.

Com a evolução das sociedades, os leitores e telespectadores tornaram-se muito mais assíduos à notícia, exigindo, de certa forma, um conteúdo relevante para seu consumo. Eles queriam qualidade no repasse das informações. Segundo Neves (2007, p. 20) foi a partir deste momento que muitos jornalistas começaram a ser enviados para outros países, a fim de cobrir eventos de grande impacto para a população, como, por exemplo, as guerras. Quem inaugurou a atitude de enviar um repórter para o estrangeiro foi o jornal londrino *Morning Chronicle*.

A reportagem televisiva tem como principal objeto de trabalho a imagem e pode ser dividida, segundo Jaspers (1998), em quatro variações: reportagem de atualidade, grande reportagem, inquérito e documentário criativo.

Sobre reportagens produzidas em contexto de viagem, Neves (2007) acredita ser possível trabalhar boas histórias, pois

[...] o contato com realidades diferentes, o confronto com o desconhecido ou o exótico são assuntos apropriados para as reportagens, sendo que são, precisamente, nestas que vamos encontrar a maior dificuldade em determinar as fronteiras entre o jornalismo e a literatura (NEVES, 2007, p. 24).

Diante dessas abordagens de diferentes realidades a que Neves (2007) se refere está o correspondente internacional, um jornalista com a oportunidade de se estabelecer em qualquer parte do mundo e, de lá, fornecer informações para as agências de notícias as quais ele trabalha. Para Hannerz (2004), traduzindo do seu livro em inglês, o correspondente é um repórter que fica “estacionado” em determinado lugar, enviando notícias para seu veículo de origem.

O jornalista correspondente deve ter um amplo conhecimento sobre o seu novo país de moradia. Porém, é importante que, mesmo após consumir todo o conteúdo sobre a cultura desta nova realidade, não se esqueça da sua origem, do referencial do seu próprio país. Deve se tornar uma mescla de um olhar estrangeiro e de um olhar nativo. Estas são algumas características que diferem os correspondentes internacionais.

2.2 Infotainment na televisão

O atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 teve uma enorme cobertura através da Rede Globo. O jornalista Jorge Pontual, através de reportagem exclusiva para o Fantástico no dia 16 de setembro de 2001, fez uso do infotainment. Apesar de este fato terrorista não ser

nada divertido, Pontual, através das imagens mostradas e de sua narração, inseriu sua matéria neste nicho por parecer um cenário irreal. Sua grande reportagem sobre a cidade de Nova Iorque, para o programa Globo Repórter, inserida na série de reportagens “Cidades Fascinantes”, naturalmente está ligada ao *infotainment* por ser uma matéria a qual mostra os pontos turístico da *Big Apple*⁴. Nela, Jorge adicionou um fato histórico de horror, o 11 de setembro de 2001, de forma leve, mostrando o memorial e o museu construídos em homenagem aos quase 3 mil mortos no atentado.

Isso mostra o quanto o infotenimento já quebrou barreiras até aqui⁵. Desconstruiu a ideia de que o jornalismo só pode ser feito com extrema seriedade, com o intuito de fornecer mais credibilidade ao telespectador. Essa união, de informação e entretenimento, tem rendido muitos debates e, principalmente, audiência para inúmeras emissoras de televisão.

O telejornalismo, por natureza, toma como direção de produção de conteúdo a própria atividade que lhe dá origem, ou seja, o jornalismo. Assim como a televisão tem a função de informar, também tem a função de entreter, sendo considerada como um objeto de lazer por grande parte da população. Nos últimos anos, muitas foram as divergências sobre a hibridização da informação com o entretenimento, conhecido como infotenimento, ou *infotainment*. Este híbrido surgiu no final do século XX e, partindo da análise de que há uma escassez de estudos realizados sobre este termo, a tendência é que ocorra um aprofundamento sobre o assunto no século atual.

Se faz necessário entender que *infotainment* não é um conceito. Segundo Gomes (2009), o termo se constrói da união das duas expressões que caracterizam esse híbrido, a informação e o entretenimento.

[...] *infotainment* carrega um sentido suficientemente amplo de informação para não se restringir à informação jornalística – o que permite aos autores recorrerem a *infotainment* para falar de produtos que não têm qualquer relação com o jornalismo, ainda que não se possa negar que contenham informação no seu conteúdo. Nesse sentido, quando falamos de *infotainment* não necessariamente estamos falando da relação entre jornalismo e entretenimento, ainda que a maior parte da discussão sobre o *infotainment* se interrogue sobre as estratégias de captura da audiência usadas pelos programas jornalísticos, sendo essas estratégias o que normalmente se considera como entretenimento (GOMES, 2009, p. 6).

⁴ Apelido criado para se referir a cidade norte-americana Nova Iorque. O termo apareceu pela primeira vez em 1909, no livro *The Wayfarer in New York* (“O Viajante em Nova York”), de Edward S. Martin, e teve a intenção de criticar a distribuição de renda entre os estados americanos.

⁵ Na televisão, o termo *infotainment* é relativamente recente. Surgiu na década de 80, porém começou a se destacar somente no final dos anos 1990.

Diversas emissoras adotaram o infotainment em sua programação, inclusive a Rede Globo. Programas como o Fantástico e Globo Repórter trabalham a informação e o entretenimento através da produção de suas reportagens. Com redes de programações recheadas de conteúdos interessantes e relevantes, a televisão se tornou o alvo principal para os momentos de lazer, seja individual ou em família. Souza (2004) define que a notícia, diante do infotainment, se tornou um espetáculo, fazendo parte de uma espécie de show de informações.

3 Metodologia

O presente trabalho baseia-se em estudos aprofundados sobre o *infotainment* e suas características, a fim de analisar duas reportagens sobre o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Primeiro, a reportagem de Jorge Pontual para o Fantástico, em 16 de setembro de 2001, intitulada como “Atentados de 11 de setembro (2001)”⁶ no site da Globo TV, atual Globoplay⁷. Após cinco dias do atentado, o jornalista consegue mostrar de perto toda a destruição causada pelo choque dos aviões contra as Torres Gêmeas. A outra reportagem⁸, também produzida pelo jornalista Jorge Pontual, mas desta vez para o programa Globo Repórter, está inserida em uma série turística intitulada “Cidades Fascinantes”, e foi veiculada no dia 13 de dezembro de 2019. Nesta reportagem em questão, a cidade abordada é Nova Iorque. Pontual consegue mostrar ao telespectador uma cidade de filmes, trabalhando a ideia da ficção e da realidade diante dos olhos do telespectador.

Antes de chegarmos à análise, uma parte descritiva e teórica sobre o assunto ajudará na compreensão do tema. Com base nas teorias de Gomes (2009) será possível construir uma tabela, com as características do infotainment, a fim de analisar as duas reportagens produzidas por Jorge Pontual para o Fantástico e para o Globo Repórter.

4 Descrição do objeto de análise

Para responder a este estudo foram analisadas duas reportagens do jornalista Jorge Pontual, uma feita para o Fantástico, exclusiva sobre o atentado de 11 de setembro de 2001, dias após o ocorrido, e outra para o Globo Repórter, onde o fato é inserido em uma reportagem sobre a cidade de Nova Iorque.

⁶ A reportagem, intitulada de “Atentados de 11 de setembro (2001)” pode ser encontrada no site globo.com ou através do link: <https://bit.ly/3djfnPt>.

⁷ Plataforma digital com *streaming* de vídeos do Grupo Globo.

⁸ O programa, intitulado “Nova York: cidade cenário”, pode ser assistido no site <https://globoplay.globo.com/>, na plataforma de *streaming* Globoplay, apenas por assinantes, ou através do link <https://bit.ly/2Jt6SpT>.

4.1 Reportagem Fantástico

No dia 16 de setembro de 2001 os apresentadores do Fantástico daquela época, Glória Maria e Pedro Bial, após uma vinheta, com as imagens do ataque, onde surgia o título “TERROR” nas cores preto, laranja e amarelo (cores que remetem ao fogo), faziam a chamada para uma reportagem de Jorge Pontual sobre o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 (Figura 1).

“Pela primeira vez uma equipe do Fantástico entra na zona proibida”, apresenta Bial. O jornalista Jorge e seu cinegrafista, Orlando Moreira, chegaram mais perto do que nunca dos destroços do que antes foram as Torres Gêmeas. A reportagem era exclusiva, e isso se confirma através da fala de Glória Maria: “Os repórteres Jorge Pontual e Orlando Moreira percorreram hoje a área mais atingida pelos atentados. Uma parte de Manhattan onde só trabalham as equipes de resgate”.

Entre a chamada e a reportagem soma-se 1min e 43s. O tempo parece curto para falar sobre algo tão complexo e impactante, mas os jornalistas, muito mais através de imagens do que a própria narração, conseguem mostrar o estado dos escombros naquele momento. As primeiras imagens mostram um amontoado de ferro e fumaça. Como relata Jorge Pontual em sua narração, seis dias após a tragédia ainda havia fogo embaixo do que restou. Após dar uma noção da destruição causada pelo grupo *Al-Qaeda*, Jorge Pontual aparece fazendo sua passagem. “Esta é a primeira vez que a nossa câmera chega tão perto do que restou do *World Trade Center*. São imagens exclusivas do que sobrou da destruição daquela terça-feira”. No final de sua fala, a imagem sai de Jorge em direção aos destroços, com três segundos de silêncio.

Algumas imagens mostradas em seguida parecem estar sendo gravadas atrás de uma cerca, como se aquela cena estivesse sendo isolada, dando a ideia de ser uma gravação proibida ou difícil de ser feita, o que gera uma sensação de exclusividade ainda maior. Pessoas são mostradas trabalhando no local enquanto Jorge Pontual afirma que só havia sido retirado 2% de todos os destroços, e que aquele trabalho perduraria por meses. O movimento de *zoom in* na cena, feito manualmente com a câmera, dá a entender que aquela cena mais fechada é o foco que eles realmente querem mostrar, fazendo um recorte da cena aberta.

Jorge Pontual finaliza a reportagem com outra passagem: “O presidente Bush veio aqui na sexta-feira e disse que só quem viu de perto o que sobrou do *World Trade Center* pode avaliar a extensão dessa tragédia. E ele tem razão. Agora que finalmente a gente está frente a frente dos destroços, dá para sentir o alcance dessa tragédia”, afirma o jornalista. A câmera desliza mais uma vez da imagem de Jorge para os destroços, dando um *zoom* maior quando ele

fala “alcance dessa tragédia”, como se a câmera tivesse o poder de levar o telespectador para mais perto dos escombros.

Figura 1 – Passagem de Jorge Pontual em meio aos escombros do atentado



Fonte: globo.tv/Memória Globo (2001).

4.2 Reportagem Globo Repórter

O último Globo Repórter do ano de 2019, exibido no dia 13 de dezembro, foi apresentado por Sandra Annenberg. Em sua escalada sobre os assuntos abordados no programa naquele dia, Sandra se refere ao 11 de setembro de 2001 da seguinte forma: “No lugar da mais terrível dor, renascimento. É a volta por cima depois do maior atentado da história”.

O programa com 41min e 42s aborda uma Nova Iorque de filmes, mostrando cenários do cinema da cidade cinematográfica. Fazendo referência aos filmes “King Kong”, da *Universal Pictures*, “Caça-fantasmas” e “O espetacular Homem-Aranha”, da *Columbia Pictures*, “Impacto profundo”, da *Paramount Pictures*, e “Planeta dos Macacos”, da *20th Century Fox*, Jorge Pontual narra: “Monstros. Fantasmas. Super-heróis. Quanta imaginação. Diretores e roteiristas adoram destruir Nova Iorque. Ficção e a realidade”. O jornalista ainda deixa a fala do filme “Planeta dos Macacos” que diz: “Vocês explodiram tudo!”, fazendo referência ao atentado.

Através da voz de Fátima Bernardes e Edney Silvestre volta-se ao passado assistindo reportagens do dia 11 de setembro de 2001. “O século XXI começou atormentado”, narra Pontual. Em cena, aparecem Orlando Moreira e Jorge Pontual, exatamente no lugar onde seis dias após o atentado eles estavam para gravar, com exclusividade para o Fantástico, os destroços do que havia restado do *World Trade Center*. A partir da fala de Orlando Moreira conseguimos entender o sentido das gravações através da cerca de ferro. “Tinha uma barreira de ferro, daquelas de ferro, impedindo completamente. Parecia aqueles filmes de Hollywood. Parecia uma cena de Hollywood. Inacreditável o que você via ali”, relembra o cinegrafista.

O programa relembra em seguida a reportagem de Jorge Pontual naquele dia, a mesma que analisaremos neste artigo. O jornalista ainda encontra Vik Muniz, artista plástico brasileiro, para comentar sobre a lembrança dele diante daquele dia. O roteiro segue com a apresentação do museu do 11 de setembro de 2001, mostrando, por exemplo, a última viga retirada dos escombros, que se encontra no museu. Em entrevista com Anthony Gardner, diretor do museu, entendemos que a base para a criação daquele lugar foi a união de famílias que perderam um ente querido no atentado terrorista.

Jorge Pontual também se refere a Osama Bin Laden, líder do grupo extremista *Al-Qaeda*, morto 10 anos após os atentados, através da exposição, no museu, de um tijolo de seu esconderijo, no Paquistão. Na narração do jornalista, ele anuncia que havia três brasileiros em meio às quase três mil vítimas do atentado. A informação de que novas técnicas de DNA haviam identificado mais uma vítima no ano de 2018 nos dá a sensação de que o 11 de setembro de 2001 ainda não teve fim, mesmo após quase 20 anos do ocorrido. O novo *World Trade Center*, inaugurado 13 anos após o atentado, é mostrado de inúmeros ângulos, inclusive de baixo para cima (Figura 2), fator que concede imponência, com uma trilha sonora de superação.

A fala final de Jorge Pontual, acompanhada de uma imagem do novo *World Trade Center*, sobre este assunto é a seguinte: “Nova Iorque podia ter se fechado como uma fortaleza para repelir o inimigo. Ao invés disso, usou o que tem de melhor. Continua a ser uma cidade aberta para o mundo, que acolhe toda a gente de fora, inclusive os muçulmanos. A cidade descobriu que é vulnerável, mas na tolerância encontrou o caminho para renascer das cinzas e voltar a viver”.

Figura 2 – Jorge Pontual, Orlando Moreira e o novo *World Trade Center*



Fonte: Globo Produções/Globo Repórter (2019).

5 Análise

Ao analisarmos o infotenimento em reportagens de televisão, como faremos neste artigo através do material coletado sobre o atentado de 11 de setembro de 2001, não devemos ignorar a ideia de que estaremos analisando não somente o fato ocorrido, mas todo o contexto em que ele foi inserido pelos programas que o divulgaram, neste caso, o Fantástico e o Globo Repórter.

O infotenimento na televisão pode estar inserido em diferentes estilos de programas. No estudo em questão, estamos nos referindo a uma revista eletrônica, o Fantástico, e a um programa que aborda temas majoritariamente de entretenimento, porém com um forte investimento jornalístico, o Globo Repórter. Segundo Gomes (2009, p. 7), a expressão *infotainment* pode carregar, muitas vezes, não apenas a informação aliada ao entretenimento, mas também a divisão entre realidade e ficção.

Antes de verificarmos a existência de características do infotenimento nas reportagens escolhidas, precisamos analisar sua base, ou seja, o tipo de programa em que elas se encontram representadas. Gomes (2009) denomina uma lista de estilos de programas os quais ela considera que se encaixem ao infotenimento. Segundo a autora, são exemplos:

[...] programas de investigação sobre crimes; programas que dramatizam a vida cotidiana; programas que conjugam o debate de assuntos da atualidade com recursos do entretenimento; programas que têm como conteúdo as várias formas de entretenimento; programas que não são jornalísticos, mas que adotam estratégias do jornalismo para ampliar seu capital simbólico; programas de soft journalism, ou seja programas jornalísticos que esvaziam seus conteúdos de política, política internacional, economia e aumentam os de celebridade, crimes, saúde e beleza (GOMES, 2009, p. 10).

A primeira reportagem analisada neste artigo, veiculada através do Fantástico, está inserida em um tipo de programa que Gomes (2009) denomina como “programa que conjuga o debate de assuntos da atualidade com recursos do entretenimento”. Ou seja, um programa que trabalha fatos do dia a dia, assim como faz o jornalismo, porém através de um viés comunicativo diferente do habitual para esta esfera, o entretenimento. Logo, chegamos ao infotenimento.

Nossa segunda reportagem encontra-se em um contexto diferente quando olhamos para sua base. O Globo Repórter está ligado a um sentido não tão factual, como o Fantástico, tendo seus assuntos divididos em aventura, comportamento, ciência e atualidades. Muito reconhecido por seus programas sobre viagens mundo afora, ele consegue conectar o telespectador a destinos diferentes toda a semana sem sair de casa. Trabalha com a proximidade e a dramatização da vida cotidiana vivida por brasileiros fora do seu país de origem.

5.1 O atentado segundo o programa Fantástico

Após cinco dias do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o jornalista Jorge Pontual esteve em frente aos destroços do que antes fora o *World Trade Center*. A abertura da chamada da reportagem, conduzida por Glória Maria e Pedro Bial, joga na tela um recurso muito presente e dominante entre as características do infotimento, o uso de recursos visuais. Desde a palavra “terror” escrita em maiúsculo, até as cores utilizadas como o preto, o laranja e o amarelo (cores que nos lembram o fogo) para compor a vinheta e a imagem do avião se chocando contra as Torres Gêmeas chamam a atenção, conforme demonstrado na Figura 3.

Figura 3 – Pedro Bial ao fazer a chamada para a reportagem. Vinheta ao fundo.



Fonte: Globo Produções/Fantástico (2001).

Esta primeira reportagem analisada possui 1min e 43seg, tempo que não parece suficiente para descrever a catástrofe causada à uma nação inteira. Por falta de material disponível na internet, não foi possível analisar o conteúdo veiculado antes e depois dessa reportagem, porém há grandes chances de este não ter sido o único no programa sobre o atentado de 11 de setembro de 2001. O texto projetado tanto pelos âncoras do Fantástico quanto pelo repórter engrandecem ainda mais a exclusividade das imagens. “Pela primeira vez uma equipe do Fantástico entra na zona proibida”, fala Pedro Bial. “Os repórteres Jorge Pontual e Orlando Moreira percorreram hoje a área mais atingida pelos atentados. Uma parte de Manhattan onde só trabalham as equipes de resgate”, finaliza Glória Maria. As duas falas exalam exclusividade e ineditismo, adicionando um certo tom de celebridade ao nomear os dois repórteres, quase como se Jorge Pontual e Orlando Moreira se tornassem heróis por estarem presentes no local daquele grande acontecimento.

“Esta é a primeira vez que a nossa câmera chega tão perto do que restou do *World Trade Center*. São imagens exclusivas do que sobrou da destruição daquela terça-feira”, relata o

repórter Jorge Pontual. Em seguida a sua fala, a imagem sai de Jorge em direção aos destroços, com três segundos de silêncio, o que também pode ser analisado como um recurso sonoro, afinal também causa impacto.

Inúmeros foram os ataques terroristas ao redor do mundo, e todas as vezes que a televisão ilustra para o telespectador o ocorrido os sentimentos são os mesmos: espanto, medo e curiosidade. É difícil imaginarmos como uma notícia deste espectro pode ser inserida em meio a tantas outras de cunho mais leve e agradável. Foi através desta mescla de notícia factual e reportagens de entretenimento que o programa Fantástico conseguiu inserir-se neste nicho do infotainment. Também foi investindo em recursos gráficos e sonoros e trabalhando os âncoras e repórteres para uma atuação mais leve que o programa transformou, e transforma até hoje, notícias pesadas, como a analisada neste artigo, em uma informação espetacularizada e leve a ponto de aquilo não parecer real, e sim ficção.

Quando falamos em entretenimento o foco que geralmente se tem em relação a este termo é o de que ele deve entreter. Por entreter, muitas vezes, pensamos em um conteúdo agradável. Porém, o entretenimento pode ter outras linhas de ação. No caso em estudo, a reportagem do jornalista Jorge Pontual chama a atenção e entretém não por ser divertida ou agradável, mas por ser chocante. Não é comum um avião colidir contra um prédio, quem dirá contra mais de um. Assim como inúmeros teóricos já tentaram encaixar o infotainment em diversos gêneros televisivos, Gomes (2009) acredita que esse híbrido entre informação e entretenimento não se encaixa em nenhum deles. *Infotainment*, nesse sentido, seria um não-gênero: ele serve para classificar rapidamente os produtos televisivos que não se enquadram muito claramente em nenhum dos gêneros televisivos que conhecemos (GOMES, 2009, p. 11).

As características, segundo Gomes (2009), que se enquadram na reportagem para o Fantástico estão descritas através do Quadro 1:

Quadro 1 – Características que se enquadram na reportagem para o Fantástico

CARACTERÍSTICAS	REPORTAGEM FANTÁSTICO
Recurso sonoro – trilha sonora	X
Recurso visual – cores	X
Recurso visual – gráfico	
Recurso visual – vinheta	X
Recurso visual – selo	
Narrativa leve e agradável	X
Discurso pessoal e subjetivo	
Bate-papo entre apresentadores e entre apresentadores e repórteres	
Construção dos apresentadores, âncoras e repórteres como celebridades	X
Declamação ou citação de textos literários	
Citação (em especial a visual) de cenas e personagens do cinema	

Fonte: A autora (2020) baseada em Gomes (2009).

5.2 Globo Repórter: uma viagem ao passado de 11 de setembro de 2001

No dia 13 de dezembro de 2019, Sandra Annenberg abria o Globo Repórter falando sobre a cidade de Nova Iorque. Aquele era mais um programa encaixado na série de reportagens turísticas que sua programação oferece. Entre assuntos do cotidiano, como por exemplo o natal da cidade, Sandra quase não chama a atenção do telespectador ao citar o 11 de setembro de 2001 em meio aos outros tópicos do programa naquele dia. “No lugar da mais terrível dor, renascimento. É a volta por cima depois do maior atentado da história”. Seu tom de voz não muda radicalmente, e a trilha sonora na abertura do programa continua a mesma tanto para os assuntos mais leves quanto para o atentado terrorista. Através dessa narrativa leve e agradável, como denomina Gomes (2009), se faz presente o infotainment.

O cenário gráfico do Globo Repórter passa, em segundos, para uma vista real da cidade de Nova Iorque, repleta de decorações natalinas. A forma como Jorge Pontual faz a transição de assuntos dentro do programa é muito interessante. Para moldar Nova Iorque como uma cidade de filmagens, o jornalista insere um flagra de dois helicópteros pairando sobre a ponte do Brooklyn. “De repente dois helicópteros. Parece uma perseguição, mas repare só na câmera. Estamos na cena de mais um filme de Hollywood”, narra Pontual. Quando o jornalista fala em perseguição, é possível analisar uma analogia às telas do cinema, onde, normalmente em filmes de ação, podemos assistir cenas como essa.

A partir desta deixa, o jornalista dá um enfoque maior para a cidade do cinema que, segundo ele, disputa esse título lado a lado com Los Angeles. Alguns filmes conhecidos são citados e ilustrados e, com isso, uma nova deixa surge. Desta vez, o assunto compilado à cidade de Nova Iorque é o atentado de 11 de setembro de 2001. Através de uma recordação histórica sobre a construção do *Empire State Building*, Pontual compara o enorme prédio às Torres Gêmeas. “Foi a joia mais alta do planeta por quatro décadas, até a chegada das Torres Gêmeas”, narra o jornalista. Enquanto a imagem do imponente prédio surge na tela, um recurso visual, uma característica do infotainment, aparece no canto inferior esquerdo, informando o tamanho da joia mais alta do planeta, “443 metros de altura”.

Imagens do gorila gigante, King Kong, fazem a abertura de uma sequência de cenas de filmes gravados em Nova Iorque. “Monstros. Fantasmas. Super-heróis. Quanta imaginação. Diretores e roteiristas adoram destruir Nova Iorque. Ficção e a realidade”, essa é a fala de Pontual para criar a curva entre as telas do cinema e a cruel realidade.

Sirenes ilustram a seriedade do caso e registros dos aviões chocando-se contra o *World Trade Center* são mostrados com o intuito de colocar o telespectador diante da realidade. Até

este momento do programa é notável a glamorização feita para chegar ao ponto principal deste artigo, o atentado terrorista inserido em meio a tantos assuntos leves e de entretenimento. Para Gomes (2009, p. 10) existem alguns tipos de conteúdo que podem se encaixar nas características do infotenimento:

[...] o destaque vai para aquelas áreas da vida consideradas prioritariamente voltadas ao prazer e ao âmbito privado: esferas da produção cultural (como cinema, teatro, música, dança, turismo, lazer, moda); ênfase na vida privada (e aqui tanto vale a exibição da vida das celebridades quanto a transformação de pessoas comuns em celebridades; a abordagem de temas de interesse público do ponto de vista das suas implicações mais imediatas na vida de sujeitos individuais; o enquadramento de políticos por seus comportamentos e histórias pessoais); a ênfase em comportamento, bem-estar e cuidado com o corpo.

A reportagem sobre a cidade de Nova Iorque no programa do Globo Repórter insere-se nas esferas da produção cultural, principalmente no que diz respeito à parte turística do enredo. Porém, podemos analisar também que, através da entrevista com Vik Muniz, artista plástico brasileiro, residente nos Estados Unidos, Jorge Pontual aborda o tema do atentado terrorista, de grande interesse público, diante da vida de sujeitos individuais.

A narrativa se torna mais leve com a nuance entre ficção e realidade. Jorge finaliza o assunto com lembranças. Através de imagens do Memorial & Museu Nacional do 11 de Setembro de 2001 é possível sentir a perda de milhares de pessoas e refletir sobre o ato cruel dos terroristas, mas ao mesmo tempo passamos a ter uma visão heroica daqueles que perderam as suas vidas naquele dia fatídico.

Jorge Pontual e Orlando Moreira recapitulam os passos que fizeram no dia da produção da reportagem para o Fantástico, cinco dias após o atentado. “Tinha uma barreira de ferro, daquelas de ferro, impedindo completamente. Parecia aqueles filmes de Hollywood. Parecia uma cena de Hollywood. Inacreditável o que você via ali”, relembra Orlando. Através de sua fala os dois jornalistas tornam-se um tipo de celebridade, mais uma característica citada por Gomes (2009). Estar frente a frente com aquele cenário catastrófico era oportunidade para poucos, tudo havia se tornado exclusivo naquele momento. Nesta reportagem está explícito o discurso pessoal e subjetivo de Jorge Pontual. Temos como exemplo o momento em que o jornalista entra no museu, construído em homenagem às milhares de vítimas do atentado, onde ele transborda uma questão íntima. “O museu de 11 de setembro abriu há cinco anos, mas essa é a primeira vez que tenho coragem de vir”, admite ele.

A partir do exposto, as características, segundo Gomes (2009), que se enquadram na reportagem para o Globo Repórter estão delimitadas através do Quadro 2:

Quadro 2 – Características que se enquadram na reportagem para o Globo Repórter

CARACTERÍSTICAS	REPORTAGEM GLOBO REPÓRTER
Recurso sonoro – trilha sonora	X
Recurso visual – cores	X
Recurso visual – gráfico	
Recurso visual – vinheta	X
Recurso visual – selo	
Narrativa leve e agradável	X
Discurso pessoal e subjetivo	X
Bate-papo entre apresentadores e entre apresentadores e repórteres	
Construção dos apresentadores, âncoras e repórteres como celebridades	X
Declamação ou citação de textos literários	
Citação (em especial a visual) de cenas e personagens do cinema	X

Fonte: A autora (2020) baseada em Gomes (2009).

6 Considerações finais

A união da informação e do entretenimento vem sendo estudada há pouco mais de duas décadas, tempo que foi suficiente apenas para formar algumas bases sobre o assunto, mas não uma concordância geral entre os autores. Os estudos mais recentes nos mostram o quanto este híbrido ainda é descredibilizado. Muitos teóricos acreditam que a qualidade da informação que chega para o público possa estar sendo ameaçada através dessa infotainmentização. Tornou-se uma tarefa árdua e um desafio incansável definir a importância do infotainment.

Devido à grande discussão relacionada a este assunto, o presente artigo propôs analisar duas reportagens, de um mesmo jornalista, sobre um mesmo assunto, porém veiculadas em programas diferentes, a fim de entender como Jorge Pontual trabalhou com o fato do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 em programas como o Fantástico e Globo Repórter. Infelizmente, por conta de não estar disponível na web, não foi possível analisar que tipo de conteúdo foi trabalhado antes e depois da notícia do atentado no Fantástico, mas foram encontradas algumas características do infotainment nesta reportagem, por mais que ela seja uma reportagem majoritariamente factual. Já a reportagem produzida por Jorge Pontual para o Globo Repórter possui inúmeras características citadas por Gomes (2009).

Quase 20 anos se passaram desde o ocorrido. Através deste espaço de tempo entre as duas reportagens, foi possível analisar a forma como o fato foi tratado nas diferentes datas. Pontual foi capaz de trabalhar o assunto com uma leveza muito maior na reportagem para o Globo Repórter, por mais que os contextos abordados tenham sido diferentes. Se este assunto

ainda está presente nos conteúdos jornalísticos no ano de 2019, é sinal de que esse atentado é uma lembrança marcada na memória de todos.

Infelizmente o termo infotenimento está ligado tanto aos aspectos positivos quanto aos aspectos negativos do entretenimento. É difícil compreender que talvez assuntos considerados banais podem, muitas vezes, tornar-se a porta de entrada para um interesse por assuntos mais relevantes e informativos como política ou economia. A ideia de querer saber sobre a vida privada de um político pode engajar-se em querer aprender um pouco mais sobre essa área, por exemplo. Segundo Gomes (2009) o infotenimento aumenta a criatividade e não impõe barreiras à qualidade.

O infotenimento já quebrou diversas barreiras durante esses poucos anos de estudo. A ideia de construir um jornalismo inteiramente sério, a fim de passar grande credibilidade, parece estar cedendo espaço a este híbrido que tem rendido inúmeros debates entre teóricos e, principalmente, audiência para as emissoras de televisão.

Referências

ABREU, Karen Cristina Kraemer; SILVA, Rodolfo Sgorla. *História e tecnologias da televisão*. Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ATENTADOS de 11 de setembro (2001). Reportagem: Jorge Pontual e Orlando Moreira. Programa Fantástico. Apresentação: Glória Maria e Pedro Bial. Nova Iorque: Globo Produções, 2001. 1 vídeo (1min.43s). Disponível em: <https://bit.ly/37lDoT9>. Acesso em: 01 out. 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORELLI, Sílvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel (Coords.). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

COSTA, Marília Hughes Guerreiro. O modo de endereçamento do Globo Repórter. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 151-171.

CRUZ, Renato. *TV digital no Brasil: tecnologia versus política*. São Paulo: Senac, 2008.

CUNHA, Albertino Aor da. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.

GOMES, Itania Maria Mota. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO

DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2005. p. 1-15.

GOMES, Itania Maria Mota. “O Infotainment e a Cultura Televisiva”. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 195-221.

HANNERZ, Ulf. *Foreign news: Exploring the world of foreign correspondents*. Chicago: The University of Chicago, 2004.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

JESPERS, Jean-Jaques. *Jornalismo televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.

NEVES, Benvindo Chantre. *A reportagem televisiva como gênero jornalístico: o caso da TCV*. 2007. Monografia (Licenciatura em Ciências da Comunicação) – Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38682348.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

NOVA York: cidade cenário. Direção: Paulo Sampaio. Produção: Anna Camanducaia e Luigi Sofio. Reportagens: Jorge Pontual. Programa Globo Repórter. Apresentação: Sandra Annenberg. Nova Iorque: Globo Produções, 2019. 1 vídeo (41min42s). Disponível em: <https://bit.ly/2Jt6SpT>. Acesso em: 01 out. 2020.

OLIVEIRA, Livia Sprizão de. Estilo e tipos de discurso na reportagem do gênero revista eletrônica. *Entretextos*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 207-226, 2019. Dossiê Temático. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/37042/25606>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.